
A JUVENTUDE RIBEIRINHA DE PORTO VELHO-RO E AS DINÂMICAS ENTRE TERRITÓRIO E LUGAR

Elisangela Ferreira Menezes¹; Rodrigo Amurim dos Reis² Miriã Ortiz Passos de Andrade³

1. Universidade Federal de Rondônia - elis.86.pv@gmail.com. 2. Universidade Federal de Rondônia - amurim@gmail.com. 3. Centro Universitário São Lucas - miortizpassos@gmail.com

RESUMO: Este trabalho refere-se a parte de um estudo realizado durante a pesquisa de Mestrado em Geografia no período de 2012 e 2014 com o intuito de identificar a representação do Lugar na ótica da juventude ribeirinha da Comunidade de Nazaré e a dinâmica de seu território, suas práticas que refletem uma relação territorial de poder e disputas pelo espaço geográfico onde se refletem as práticas dos atores sociais. Este visa também colaborar com uma breve relato da experiência vivenciada no campo de pesquisa com a juventude ribeirinha localizada no município de Porto Velho-RO. O mesmo faz parte da pesquisa de Mestrado em Geografia realizado entre 2012 e 2014. O campo de pesquisa se localiza no Distrito de Nazaré e Boa Vitória, uma comunidade ribeirinha que fica há 150 km da capital Porto Velho. Pretende-se esboçar sobre o sentido de Lugar para a juventude local, bem como a organização e dinâmica territorial no seu espaço de vivência. Este revelará as peculiaridades e particularidades da vida ribeirinha na Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude Ribeirinha. Lugar. Território.

INTRODUÇÃO

O interesse em estudar e pesquisar sobre as populações do Baixo- Madeira de Porto Velho surgiu com a vontade de conhecer sobre a própria história de nossa ocupação. Vivemos em uma faixa de fronteira que nos aproxima de pelo menos dois países; Bolívia e Peru com muitas influências culturais. Esta região do Baixo-Madeira certamente tem como maior influencia cultural e social a presença indígena da região e nordestina resultante da migração na época do Ciclo da Borracha. Isto fica notório quando se conhece as comunidades, logo esse reflexo se mostra nas formas de se alimentar, no sotaque, formas de organização, entre outros elementos. O objeto de análise em questão é identificar como as categorias de lugar e território, podem colaborar para compreender as dinâmicas da juventude ribeirinha de Nazaré no seu desenvolvimento, nas suas formas de resistência e manifestação de sua identidade, nas questões relacionadas aos dilemas, fronteiras entre o urbano e rural, nos dilemas enfrentados com os projetos de desenvolvimento, drogas, emprego e outras questões.

Esta temática justifica-se por ser de suma importância para os estudos geográficos da região, entender o contexto das populações tradicionais da Amazônia ocidental. São povos que foram

invisibilizados historicamente, com pouca ou nenhuma cidadania, com seus direitos limitados e que sofrem ameaças de sua extinção pelos mais variados motivos. Dessa forma, podemos dizer que As populações ribeirinhas de Porto Velho são marcadas por sua identidade e invisibilidade, a primeira é reflexo de grandes movimentos migratórios que ocorreram na região no fim do século XIX e que também mesclam com a vivência entre os indígenas da região. Como apontado por Terezinha Fraxe “O homem amazônico é fruto da confluência de sujeitos sociais distintos — ameríndios da várzea e/ou terra firme, negros, nordestinos e europeus de diversas nacionalidades (portugueses, espanhóis, holandeses, franceses, etc) — que inauguram novas e singulares formas de organização social nos trópicos amazônicos.”(2009, s.p). Quando se trata da invisibilidade, os discursos sobre a Amazônia partem de várias vozes, muitas delas tentam mostrar somente seus aspectos ambientais de fauna e flora, porém os sujeitos que aqui vivem sofrem com os silêncios e ausências, como se aqui não houvesse presença humana.

Esta falta de interesse ou simplesmente o fato de ignorar a importância de compreender os modos de vida deste espaço geográfico se deve a uma série de fatores que vem se desenhando desde a colonização dessa região. Os grandes empreendimentos realizados desde a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, construção das linhas telegráficas, abertura da BR 364, Projetos de Colonização com incentivo a produção agrária e mais recente a construção das Usinas do Madeira ignorou os povos indígenas e ribeirinhos e por consequência toda gama cultural de sua essência.

Homens e mulheres que construíram nesta terra o seu “lar” imprimiram a essência do habitar, que significa um laço afetivo com o espaço onde vivem. Podemos assim dizer que grande parte dos povos tradicionais tem o elo com o lugar como característica essencial de sua relação com o espaço e conseqüentemente este de reflete em seu modo de vida e sua relação com a natureza. Quando categorizamos como estudo entender a juventude, partimos do princípio que essa categoria é um grupo de grande importância para a continuidade da cultura dos povos tradicionais. A juventude é uma categoria social e culturalmente construída que assume traços das dinâmicas sócio-espaciais. Entender a juventude Ribeirinha significa compreender um grupo que tem práticas comuns a outros grupos juvenis, mas também assume particularidades e práticas do seu lugar e participa das dinâmicas do seu território, acompanha e participa das relações de poder, transita em suas fronteiras culturais materiais e imateriais. Enfim, estudar a

juventude é perceber algo característico deste grupo que é o dinamismo, o movimento, a troca informações com outros grupos, o que os transformam e ressignifica suas práticas.

O território é um dos modos de interpretar a realidade, é importante perceber que ele assume algumas características baseadas nas relações sociais que nele ocorre. Raffestin (1993) afirma que o território se dá pelas relações de produção e também pelas relações de poder. Para ele o território se apoia no espaço, uma produção a partir do espaço que é marcada pelas ações humanas e suas formas de dominação. Suas relações de poder se constituem na própria movimentação de seus atores sociais.

O território pode assumir várias faces como econômica, política e cultural. Sem esquecer da dimensão natural que é a base da atuação do ser humano. Portanto, o território pode ser apreendido de diversas formas, dependendo de como é analisado (SAQUET, 2007). Podemos concluir que o território é lócus da relação de poder e dominação em um determinado espaço. Da mesma forma o território pode ser compreendido como pode ter uma abordagem simbólica e cultural, o que também ajuda a compreender o tema proposto.

Nesse entendimento, a comunidade de Nazaré é um território que se forma tanto em limites políticos-jurídicos como de suas dimensões culturais e existenciais dos sujeitos. Mais adiante veremos as implicações do território e suas características atuais.

A juventude Ribeirinha de Nazaré

Antes de nos ater especificamente ao tema, cremos ser necessário entender o contexto desta comunidade, como ela foi criada e como a sua população vive neste espaço.

O Distrito de Nazaré inclui dez comunidades, mas a sede fica em Nazaré, lá se encontra cerca de 40% da população. Em relação a outros distritos do Baixo- Madeira, Nazaré é o menos populoso. Somando todas as comunidades são no total cerca de 1.300 moradores.

A comunidade de Nazaré era um antigo seringal chamado na época de Boca do Furo, era composto por 25 famílias e surgiu na década de 1940 após o fim do segundo ciclo da borracha. Com isso, a partir das antigas estruturas do seringal Boca do Furo em que havia o barracão e as tabernas onde os seringueiros pegavam os alimentos, foram se formando um pequeno vilarejo com estrutura comunitária que contava com escola, posto de saúde, igrejas católicas e evangélicas, associação de produtores, casa de farinha comunitária, alguns pequenos comércios, centro comunitário e cemitério. (LIMA; SOUZA, 2002, 171).

O Distrito de Nazaré localiza-se a aproximadamente 150 km da capital Porto Velho, o acesso é exclusivo por meio fluvial, através do Rio Madeira. O Distrito passou por processos de divisão territorial ao longo de sua formação até a atual configuração. Podemos citar a divisão de 1995 na qual o município constituía-se de nove distritos: Porto Velho, Abunã, Calama, Fortaleza do Abunã, Jaci-Paraná, Mutum Paraná, Nova Califórnia, São Carlos e Vista Alegre do Abunã. Já em 1997 foram instituídos no referido município os distritos de Demarcação e Nazaré, através da Lei Municipal n.º 1.299, de 26-06-1997. (GOMES, 2013, p.13).

As comunidades menores que fazem parte do Distrito de Nazaré são: Vista Alegre, Boa Vitória, Nazaré, Pombal, Tira Fogo, Ilha de Iracema, Bonfim, Santa Catarina, Laranjal, Conceição de Galera e Papagaios. É necessário aproximadamente 7 horas de viagem de barco (tipo recreio) ou 4 horas de voadeira (lança com motor de 40 HP). Esses são os únicos meios de transporte para locomoção entre a cidade e a Comunidade de Nazaré.

Com essa dificuldade de acesso, acaba ocorrendo certo isolamento dessa Comunidade, com a falta de alternativas de transporte e locomoção, alguns entraves podem ocorrer, a distância e o pouco recurso de transporte segundo os moradores pode ser negativo, principalmente no caso de acidente ou possível emergência que possa acontecer na comunidade.

Em relação a território e meio ambiente, estima-se que 15% dos moradores não possuem a questão fundiária regularizada, tanto em Nazaré como em outros Distritos, há conflitos envolvendo áreas dos moradores e áreas de conservação. Atualmente, existem três áreas de conservação; o RESEX Cuniã, o ESEC Cuniã, e a FLONA Jacundá.

A vida da juventude de Nazaré é marcada por sua forte ligação com a comunidade. Nesse sentido entendendo que a comunidade é o resultado de laços que forma grupos com alto grau de pertencimento e que compartilhaem ideias e crenças. (BAUMAN, 2010). Essa é uma das características marcantes nessa comunidade, ela é formada em grande maioria de parentes com grande proximidade familiar.

Em alguns aspectos são diferentes dos jovens que vivem em zonas urbanas, pois esses experimentam logo a rapidez das relações marcadas por todo aparato tecnológico, acesso à internet, as redes sociais e amigos virtuais. Os jovens ribeirinhos, por outro lado, vivem a tranquilidade da vida no campo e por isso as relações são mais próximas, alguns nutrem o desejo de se inserir na sociedade do consumo e outros preferem a ficar na comunidade. Entretanto, esses elementos que aparentemente eram distantes da realidade ribeirinha têm sido cada vez

mais próximos da comunidade. Convivem ainda com um momento de mudanças e experiências complexas da vida, onde se definem as relações afetivas, trabalho, escolaridade e outras questões.

As necessidades de trabalho e formação profissional muitos deles, tanto moças como rapazes a migrarem para a capital e outros municípios do Estado. Nesse aspecto, os jovens seguem a uma tendência que vem repercutindo desde as últimas décadas (BRUMER, 2007). Assim, o modo de vida que anteriormente era ribeirinho, muda para uma vida ligada a cidade.

É importante salientar as mudanças que ocorrem na vida do indivíduo desde o nascimento até a vida adulta, esses momentos podem representar transições e dilemas para os jovens. É indispensável citar que ao fazer as suas escolhas eles estão buscando mudanças, que são características de transições e das fases da vida do indivíduo, ela divide-se em eventos biológicos como a puberdade, menarca, reprodução, menopausa, senilidade e a morte, e os eventos sociais como a formatura, primeiro emprego, parentabilidade, casamento e aposentadoria. Cada um desses acontecimentos varia de acordo com o tempo e o espaço de cada indivíduo no seu grupo social. (CAMARO, MELLO, KANSO, 2006)

Como já mencionado acima, o território é marcado pelas relações de poder. Dessa forma, a comunidade de Nazaré se formou a partir de projetos do Estado, quando o interesse maior era produzir a borracha para atender ao mercado internacional. Isto ocorria por volta de 1987 (SOUZA; PESSÔA, 2010). Portanto, a partir de ações em escalas maiores, foram atingindo as escalas menores. Com a migração da população de outras regiões do Brasil. Segundo dados aproximados (CPT/RONDÔNIA, 2009), levantados por Santos (1980), mais de 500 mil nordestinos foram para essa região.

O contexto dessas ocupações foi marcado pela exploração nos seringais. Em Rondônia o trabalho era baseado na quase escravidão dos seringueiros. Um processo marcado pelo abandono dessas pessoas na floresta, explorados pelos seringalistas e mortos por doenças ou pelos índios.

A ocupação do Estado de Rondônia não se deu de forma tranquila, ao contrário o cenário foi de conflitos, violência, tensões entre os que chegavam e os que aqui já viviam. Isto se deve a própria característica histórica de apropriação do espaço geográfico brasileiro que seguiu o modelo colonizador. Nesse processo houve mortes entre indígenas da região e também mortes

entre os migrantes por conflitos e doenças tropicais. O Estado estabelecendo suas formas de dominação para suprir as necessidades.

Porém com o tempo as ocupações nas áreas próximas ao rio Madeira foram moldando o surgimento de uma população que ficou conhecida como populações tradicionais e cabocla, ou mesmo os beradeiros. Neste mesmo território ainda ocorrem conflitos e tensões entre os povos tradicionais, garimpeiros, grandes empresas, balseiros, posseiros, entre outros.

Atualmente, Rondônia vivencia outro processo de ocupação e domínio territorial, com a construção das usinas no Rio Madeira, Santo Antônio e Girau começaram a ser construídas em 2008 e ocuparam o território que antes eram das populações tradicionais, os ribeirinhos foram um dos grandes afetados com essa mudança. Eles vivenciam os conflitos e tensões causadas por esses empreendimentos. Como ocorre neste tipo de construção, as áreas alagadas mudam a dinâmica da natureza e conseqüentemente a vida dos povos beradeiros.

Tratar sobre a condição de viver na fronteira geográfica com as Usinas do Madeira que remete a tensões, conflitos e resistência dos povos ribeirinhos que são suprimidos pelas ações que visam exterminar sua existência ou converte-los ao regime do capital, forçando-os a seguir um modo de vida que não condiz com suas práticas, limitando a sua mobilidade dentro do território (HAESBAERT, 2011).

O caboclo da Amazônia faz parte do que o Brasil negou por muito tempo na história, foi o projeto incompleto de criação de uma cultura brasileira (ADAMS; MURRIETA; NEVES, 2006, p.16). Principalmente porque a relação da identidade híbrida do ribeirinho se mostra sua forma de subsistência, na não preocupação com o acúmulo, o popular termo: “descansado”. Seria justamente ideia do Macunaíma que molda o imaginário brasileiro, criado como anti-herói por Mario de Andrade, como um grande mito de nossa multi-culturalidade.

A existência de uma dicotomia entre rural e urbano revela assimetrias entre essas populações, a visão dualista entre atraso e desenvolvido ainda permeia o imaginário. Por isso, é comum ocorrer a invisibilidade sócio-política entre as populações rurais. O resultado dessa invisibilidade se demonstra no abandono de muitas populações ribeirinhas pelo poder público. Ao tratar especificamente sobre juventude, buscamos a ideia de não generalizar esse termo, para que não nos limitemos em nossa análise sobre os jovens ribeirinhos. Dessa forma, Abramovay e Esteves (2007, p. 21) destacam que:

A realidade social demonstra (...) que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Vimos que essa categoria vem acompanhada de várias nuances, estamos tratando de um conjunto de fatores que os diferenciam, no caso da juventude ribeirinha nos deparamos com entraves no que diz respeito à literatura, principalmente quando se trata juventude rural. Visto que fomentar o debate sobre juventude rural, e especificamente a juventude ribeirinha, necessita de cuidado para não generalizar este grupo. Pois vivenciam uma fase transitória, muitas vezes os jovens são vistos como:

Pessoas em formação, incompletos, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados. Juventude rural é uma categoria particularmente reveladora dessa configuração de relações de hierarquia. A análise dessa categoria permite percebermos como os processos de construção de categorias sociais configuram e reforçam relações de hierarquia social. Um recorte central para a compreensão da reprodução social de relações de poder e de subordinação(...). (CASTRO, 2008, p. 124).

Percebemos nesse momento a posição de hierarquia em que os jovens estão submetidos, em que se excluem os grupos considerados de menos importância. Constitui-se então pelas relações de poder no Território a própria forma de ver os grupos sociais. Há grande preocupação com o futuro do jovens, mas pouco dão importância ao que ele tem a dizer.

No território se estabelece o poder e as hierarquias sociais construídas ao longo do tempo. Pensar na juventude, ainda mais na juventude rural e pensar no espaço invisível que eles não ocupam na sociedade. E por suas vozes não serem ouvidas, seus anseios e necessidades ficarem a cargo dos que se consideram um grupo de menos importância para a sociedade.

Ao analisar as práticas dos jovens de Nazaré, observamos que eles convivem com os elementos urbanos, pois Nazaré não fica muito distante assim de porto Velho. Os objetos da modernidade, o “novo” também lhes atraem, como o celular, internet e redes sociais. Mesmo na comunidade não tem internet, mas quando vão a cidade eles acessam as redes sociais. Seus interesses se assemelham com as dos outros jovens, mas permanecem também as práticas tradicionais, a cultura e os laços com o lugar.

No que diz respeito à educação, há um grande interesse deles em estudar porém até o ano de 2012 só havia a escola de ensino fundamental, a Escola Manoel Maciel Nunes oferecia apenas o ensino básico, com aulas multis seriada, outra parte desse ensino era oferecido pelo Projeto Ribeirinho. Por esse fato, ocorreu que muitos jovens saiam da comunidade para concluir o ensino médio em Porto Velho. Entretanto, a partir do início de 2013, foi inaugurada a Escola Estadual Francisco Desmorest Passos, na qual já oferece o ensino médio. O que significa que os jovens não necessitam mais sair da comunidade para estudar, sendo um ponto positivo para eles.

A educação e a produção são temas que tem muitas conexões. A comunidade de Nazaré destacase pelo desenvolvimento da atividade da pesca onde ainda há um grande potencial, plantios de melancia, mandioca e banana, extrativismo de frutas como manga, goiaba, banana, açai, castanha, abacaba, piquiá, tucumã, entre outros, são produtos da região, e a produção da farinha, que é usada tanto para a venda como para o consumo da família, a caça é comum para o consumo, mas tem diminuído, pois as restrições das leis ambientais já não permite essa atividade.

O calendário de atividades econômicas é definido de acordo com a variação do nível d'água, assim, a dinâmica espacial segue os ritmos da natureza. Também foi identificado que o trabalho é realizado conjuntamente com os membros da família, isso pode variar de acordo com a época do ano. (SILVA, SOUZA FILHO, 2002).

A relação da produção com a educação é que atualmente tem diminuído a participação dos jovens nas atividades tradicionais das comunidades. Atualmente eles almejam o crescimento profissional fora da Comunidade. Este fato preocupa os mais antigos, pois pode diminuir o interesse pela cultura ribeirinha. Neste âmbito se destacam as moças, que em grande maioria, não querem seguir as atividades das suas mães, que se caracterizam os serviços domésticos da casa e o cuidado com as crianças, roças e criação de pequenos animais.

Nesse sentido, as próprias práticas territoriais estão modificando, conforme as atividades de seus agentes. As ações dos jovens já estão modificando as dinâmicas territoriais da Comunidade. Alguns atualmente já estão cursando curso superior na Universidade. E querem mudar suas trajetórias de vida, que sejam diferentes dos seus pais.

Porém o que encontramos de diferentes de outros grupos é que da cultura cabocla ribeirinha como rígida com uma fronteira étnica, não cabe como análise deste segmento social. Os ribeirinhos interagem e aglutinam elementos de outros modos de vida, sem perder suas características essenciais. Os jovens ainda nutrem o desejo de voltar para Nazaré. Permanecer como resistência só que agregando outros elementos e valores para sua comunidade.

As disputas por território se mesclam com interesses diversos neste espaço entre terra e rio. Situados em área de fronteira com países como a Bolívia e Peru, o Estado de Rondônia é considerado pela Polícia Federal como uma rota de tráfico de drogas, armas, veículos roubados, prostituição entre outros elementos. Esse fato atinge diretamente a população de Porto Velho que convive com a criminalidade e o abuso do uso de drogas. O que reflete no aumento do número de usuários e de traficantes nesta região.

Esta preocupação já chegou aos moradores de Nazaré, inclusive com os jovens. Com aumento de usuários de drogas na Comunidade tanto das lícitas como as ilícitas tem gerado vários problemas na região. A preocupação com os adolescentes e jovens que no caminho da escola estavam fazendo o uso de drogas, o aumento de estabelecimentos que vendem bebida foram problemas colocados pelos próprios moradores. Esses territórios de domínio e poder das drogas são terrenos férteis para o aumento da criminalidade. A proximidade com os garimpos que são pontos de circulação de drogas e bebidas ocasionam também esses reflexos.

Da mesma forma, aumentou nos últimos anos com a construção das usinas do tráfico de jovens mulheres para prostituição nos arredores dos canteiros de obras, inclusive os casos de pedofilia aumentaram de forma assustadora na região. O que reflete diretamente a vida dos jovens que moram nessas regiões próximas. Jovens rondonienses, amazonenses e acreanas de regiões empobrecidas são atraídas com promessas de melhora de vida e quando chegam nos prostíbulos são colocadas em uma realidade completamente diferente do que imaginavam.

Esses são os territórios e suas fronteiras que mostram as contradições complexidades para os jovens que moram nas regiões ribeirinhas. Dentro da aparente calma e tranquilidade de se morar a beira do Rio Madeira se esconde uma série de questões sociais que precisam de atenção.

Lugar: Significados da essência e a juventude ribeirinha de Nazaré-RO

Por outro lado além da noção de território, devemos salientar que o lugar também tem um grande significado na essência de um povo. O sentimento de pertencimento que conflui com

as expectativas geradas acerca do dinamismo territorial. As duas formas de análise não se excluem, mas se complementam.

Na geografia cultural, a categoria Lugar, ganhou um sentido importante a partir de leituras de e vários autores importantes. Eric Dardel destaca a importância de se entender a geografia como um estudo da Terra onde os meios físicos se misturam com a vida que está presente por toda a parte. Desse modo: “A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja compreendido geograficamente, que o homem sinta-se ligado a Terra como se chamado a realizar-se na sua concepção terrestre.” (DARDEL, 1990, p.46). A ligação com a terra como se referiu Dardel, indica que a Terra funciona como uma base, e nessa base construímos o nosso habitat. Nesse sentido, não só moramos na Terra, mas habitamos. Como colocou Martin Heidegger, ele defende que não habitamos porque construímos, mas sim cada vez mais construímos porque habitamos (FREIRE, 2013), da mesma forma, Buttimer (1982, p. 166) é influenciada pela teoria de Martin Heidegger e entende que habitar é mais que “morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza [...] construir um lar que é o símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa”. (Idem, 2013).

Neste sentido, a juventude vivencia o sentimento de pertencimento e consegue confluir seus anseios com o fato de viverem em uma cultura diferenciada. Como o relato de uma jovem descrito abaixo:

“Somos ribeirinhos hoje e sempre, pois somos parte da natureza e continuaremos junto com rio guiados por suas águas. Afinal o Madeira sempre foi fonte da nossa riqueza cultural.” (jovem ribeirinha de Nazaré, em 2013)

Esse relato expressa o apego à relação íntima com o Rio Madeira e o significado que ele tem para todo o povo ribeirinho. Não somente pela importância material que ele tem para a manutenção da subsistência dos povos ribeirinhos, mas pelo significado que ele tem enquanto fonte de vida e lugar de pertencimento. Desse modo, temos a ideia que:

Nessa reflexão, trazemos uma compreensão de que uma comunidade ribeirinha é, dentro da realidade amazônica, uma comunidade que nasce e se desenvolve a beira dos rios e lagos que, por sua vez, comandam o cotidiano de homens e mulheres, que pautam suas vivências culturais e sociais, principalmente na relação com o rio. Ou seja, o dia-a-dia dessas comunidades, se guia por essa relação direta e imbricada com o rio, sendo a imagem deste “associada à alimentação, ao transporte, ao lazer, à higiene, ao trabalho e às condições naturais e de vida” (OLIVEIRA; MOTA NETO, 2004, p. 59 apud Victoria, 2013, p.5, grifos nossos).

A relação íntima com o Rio Madeira, com os igarapés e lagos que estão na área ribeirinha de Nazaré, é identificada nas manifestações culturais, como nos festejos, brincadeiras, mitos e lendas, histórias que seus moradores contam. Todos esses elementos são passados de geração em geração, por isso identificamos nos jovens o interesse manifestar suas identidades. Ainda na redes sociais, eles se expressaram sobre suas opiniões:

“Verdade, me orgulho muito de ser ribeirinha beiradeira mesmo como uns dizem por aí, e fico triste quando vejo as pessoas que nasceram lá e tem vergonha de falar que é ribeirinha. (Da beira eu sou, sou filho eu sou) linda essa música.” jovem ribeirinha de Nazaré, em 2014)

“Nunca tive vergonha de dizer que sou „beiradeira” estamos juntas” jovem ribeirinha de Nazaré, em 2014)

E evidente que afirmação da identidade ribeirinha se faz presente entre os jovens, nesse momento as evidências da tradição, ensinada de através das gerações, elas sobrepõem as marcas do capitalismo e do individualismo. Esses meninas e meninos vivenciam poeticamente esse lugar, compartilham as representações internalizadas pela vivência, e o Rio Madeira tem um significado especial para eles. Nesse sentido, temos nas palavras de Oliveira e Brandão (2009, p.233) a evidencia de que o rio faz parte de nossa construção simbólica no espaço.

Para cada um de nós, o rio assume um significado, que se re-significa ao longo da vida, pela forma como nos relacionamos com ele por meio da “Geograficidade”, que “é a relação que necessariamente temos com o mundo através dos espaços, paisagens, e lugares que encontramos nas nossas vidas diárias.

Assim, o Rio Madeira possui significados diferentes para cada pessoa, para o pesquisador é diferente do morador/a da comunidade ribeirinha. A geograficidade elucida ao amor ao solo natal, uma ligação do homem à Terra (DARDEL, 2011,p.3) De certa forma, o nosso trabalho na pesquisa assume o compromisso de buscar o significado do Rio para esses indivíduos.

Observamos que ele é fonte criadora das representações de Nazaré, “o Rio de águas barrentas, cheios de esperança”, como cantada nas vozes dos próprios moradores envolve o afeto, amor, a vida que ele proporciona para todas as comunidades ribeirinhas.

Considerações Finais

Este artigo buscou identificar como as categorias de lugar e território podem colaborar para compreender as dinâmicas da juventude ribeirinha de Nazaré no seu desenvolvimento, nas suas formas de resistência e manifestação de sua identidade, nas questões relacionadas aos dilemas, fronteiras entre o urbano e rural, nos dilemas enfrentados com os projetos de desenvolvimento, drogas, emprego e outras questões.

As questões que envolvem as duas categorias mostraram sua interconectividade e complementaridade. Como território identificou-se que a região ribeirinha conflui elementos de tensões e conflitos em várias frentes. E que a juventude participa e também vive esses dilemas que atingem a todos da Comunidade. Emprego, drogas e educação aparecem conectando com elementos externos e caracterizam o território em disputa entre diversos poderes.

Dentro dessas categorias, possamos a entender a lógica de manutenção dessa cultura e sua influencia na juventude. O lugar então entra como categoria que ajuda a entender como essas populações usam a sua cultura como resistência aos ataques externos, como forma de manter viva a tradição de seu povo.

Portanto, a juventude se mantém viva e pulsa a vontade de se colocar na sociedade, de forma talvez diferente se seus pais, mas sem negar suas raízes, mesmo com os dilemas enfrentados eles buscar se manter fortes frente a todos pro projetos de desenvolvimento que afetam diretamente suas formas de vida e de subsistência.

**THE RIVERSIDE YOUTH OF PORTO VELHO-RO AND THE DYNAMICS
BETWEEN TERRITORY AND PLACE**

ABSTRACT: This work refers to part of a study carried out during the Master's research in Geography in the period of 2012 and 2014 with the aim of identifying the representation of the Place from the perspective of the riverside youth of the Community of Nazaré and the dynamics of its territory, its practices that reflect a territorial relationship of power and disputes over the geographic space where the practices of social actors are reflected. This also aims to collaborate with a brief account of the experience lived in the field of research with riverside youth located in the municipality of Porto Velho-RO. The same is part of the Master's in Geography research carried out between 2012 and 2014. The research field is located in the District of Nazaré and Boa Vitória, a riverside community that is 150 km from the capital Porto Velho. It is intended to outline the meaning of Place for the local youth, as well as the organization and territorial dynamics in their living space. This will reveal the peculiarities and particularities of riverine life in the Amazon.

KEYWORDS: Riverside Youth. Place. Territory

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

_____. ; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas**. In.: ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil ANDRADE, Eliane Ribeiro (Orgs). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

ADAMS. C. MURRIETA, Rui; NEVES, Walter.(orgs) **As sociedades caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

BAUMAN. Zigmunt. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRUMER. Anita. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade**. IN: CARNEIRO, Maria José. CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BUTTNER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA. Antônio Carlos Christofolletti (org.). São Paulo, Difel, 1985.

CPT/RONDÔNIA. Programa Terra Legal: material interno de formação. 2009. (Impresso).

CAMARO, Ana Amélia. Mello, Juliana Leitão, Kanso, Solange. **Do nascimento à morte: Principais transições**. IN: Camaro, Amélia (orgs) .Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?. Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CASTRO, Elisa Guaraná. **As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais**. In: FERRANTE, Vera Lúcia S. B.; WHITAKER, Dulce Consuelo A (orgs.). Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais. Brasília: MDA; São Paulo: Uniara, 2008.

DARDEL, Eric. **O Homem e Terra**. Perspectiva: São Paulo, 2011.

_____. **L'homme et la terre-** nature de la réalité géographique.Paris: Cths, 1990.

FRAXE, Therezinha J.P. **Cultura Cabocla-Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FREIRE. Janaina Mourão. **Habitar a terra e a gente do lugar – uma abordagem fenomenológica para compreensão da memória de Seringueiros do Estado do Acre**. Revista Geograficidade.v.3, n.1, Verão 2013.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. In: Ensaios e conferências. Tradução: Emmanuel C. Leão. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIMA, Nívia Maria Martins de; SOUZA, Mariluce, Paes de. **A concepção de trabalho Ribeirinho: visão de comunidade de “Nazaré da Farinha”**. IN: SILVA, Josué Costa; SOUZA, Mariluce Paes de; FIGUEREDO, Expedita Fátima; SOUSA, Lucileyde Feitosa (orgs). Nos Banheiros do Rio: Sustentabilidade e Desenvolvimento em comunidades Ribeirinhas da Amazônia. Porto Velho: EDUFRO, 2002.

LOPES. Luciane Gomes. **Vivência Espacial das Mulheres Ribeirinhas: Os espaços paradoxais do Distrito de Nazaré**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia)- Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal de Rondônia, Porto velho, 2013.

MENEZES, Elisangela Ferreira. **A representação do Lugar: Um estudo sobre Juventude da Comunidade Ribeirinha de Nazaré-RO**. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2014

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder. França**. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOUZA , Murilo Mendonça Oliveira de; Pessôa, Vera Lúcia Salazar. **O processo de formação do território rondoniense revisitado: da colônia ao golpe de 1964.** ACTA Geográfica, Boa Vista, v. 4, n. 8, p.143-160, jul./dez. de 2010.